

RELAÇÕES LÍNGUA, LITERATURA E SOCIEDADE: O VOCABULÁRIO POPULAR DE JORGE AMADO EM TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz*

RESUMO — *O corpus de análise deste trabalho é o universo lexical contido no romance do escritor baiano Jorge Amado, Tereza Batista cansada de guerra, em sua décima quinta edição, de 1981, no qual povoam lexias como “escroto”, “chifrudo”, “porreta”, “bafafá”, “bramota”, dentre outras, as quais revelam como o escritor trazia para a cena literária expressões populares e que fizeram com que seus romances tivessem uma grande aceitação do público leitor. Deste modo, tem-se por objetivo estruturar o vocabulário popular utilizado por Jorge Amado a partir da teoria dos campos lexicais, elencando assim as lexias com maior representatividade na obra sob análise.*

PALAVRAS-CHAVE: *Língua. Vocabulário. Jorge Amado.*

1 INTRODUÇÃO

O escritor Jorge Amado, como bom artífice das palavras, buscou retratar em suas obras o modo de ser do povo baiano, sendo isso apresentado através da língua, no uso de expressões típicas do falar desse povo. Isso está patente em muitas criações do seu universo literário, no entanto, tomou-se como *corpus* para explicitar o seu vocabulário popular o romance *Tereza Batista cansada de guerra* (15ª edição – 1981). Nesta obra, vocábulos como “porreta”, “bafafá”, “arranca-rabo”, “coroca”, dentre outros, povoam a narrativa. Destarte, pretende-se, com este trabalho, trazer à tona o vocabulário popular de Jorge Amado contido

* Professor Pleno – Departamento de Letras e Artes. Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP. E-Mail: rcrqueiroz@uol.com.br.

Universidade Estadual de Feira de Santana – Tel./Fax (75) 3161-8265 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900.

na obra *Tereza Batista cansada de guerra* à luz da teoria dos campos lexicais desenvolvida por Eugenio Coseriu (1986). Assim, objetivamos aliar a literatura à linguística, pois ambas as áreas lidam com a língua, e esta é um traço identitário de qualquer grupo social.

2 JORGE AMADO E TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA

Neste ano de 2012 comemora-se o centenário de nascimento do escritor Jorge Amado, falecido em 2001, a quatro dias de completar 89 anos, no dia 10 de agosto. Prestar-lhe homenagens é mais do que justo, pois, segundo Jorge Araújo (2008, p. 87), “[...] com Jorge Amado e em Jorge Amado o romance brasileiro muito se alterou, incorporando matrizes, sentidos e metamorfoses que o elevariam à altura em que o gênero entre nós se consagrou.”

Registrado como Jorge Leal Amado de Faria, ficou conhecido nacional e internacionalmente como Jorge Amado. Nasceu no dia 10 de agosto de 1912, na Fazenda Auricídia, em Ferradas, hoje Itabuna. Faleceu em Salvador, capital do estado da Bahia, no dia 6 de agosto de 2001. Viveu na cidade de Ilhéus (Bahia) até a adolescência, partindo para Salvador a fim de cursar o ensino médio. Em 1935 formou-se em Direito, pela Faculdade de Direito da capital federal na época, o Rio de Janeiro. Nunca exerceu a advocacia, vivendo da literatura profissionalmente, recebendo com isso os direitos autorais.

Por volta dos catorze anos de idade já trabalhava como repórter do jornal *Diário da Bahia*, exercendo esse cargo no período de 1927 a 1929. Em 1928, juntamente com Pinheiro Viegas e outros escritores, fundou a Academia dos Rebeldes³, que tinha como ideais as transformações sociais, políticas e econômicas com cunho marxista. Segundo Ângelo Barroso Soares (2005, p. 79): “Os chamados rebeldes começam a se reunir no Café das Meninas e no Bar e Bilhar *Brunswick* para comentarem o dia-a-dia da cidade da Bahia, os escândalos de toda ordem, discutirem literatura, as novas revistas ou as pejejas entre os intelectuais através dos jornais.” Os rebeldes,

como eram chamados os integrantes da Academia, conviviam com as figuras populares: capoeiristas, estivadores, prostitutas, feirantes de Água de Meninos⁴.

A convivência com os rebeldes e com as figuras populares vai marcar as obras de Jorge Amado. Seus romances, até 1958, têm como temática a luta de classes, a partir dessa data, com a publicação de *Gabriela, cravo e canela*, essa luta passa a figurar como afirmação das forças populares voltadas para a democracia étnica e para o hibridismo cultural. De acordo com Jorge Araújo (2008, p. 75-76), a obra amadiana

[...] pode ser lida na amplitude de suas projeções, perspectivas, prospecções e retrospectivas e como emersões das bases civilizacionais da visão neo-barroca da paisagem urbana de Salvador, dos costumes políticos e sociais, dos conflitos ideológicos, da poeticidade afro-baiana [...], permeada por sua natureza de colorido mestiçagem étnica e cultural.

Em 1972, dentro da perspectiva iniciada em 1958, Amado publica o romance *Tereza Batista cansada de guerra*, no qual conta a história de uma mulher de personalidade forte, que luta pela sobrevivência a todo custo. Desde a infância Tereza Batista luta contra a pobreza e a falta de liberdade. Órfã de pai e mãe, foi vendida pela tia para o Capitão Justiniano Duarte da Rosa, conhecido como Capitão Justo, que a transforma em escrava sexual após tê-la estuprado. A esse destino Tereza se opõe, matando o capitão por estar apaixonada por Daniel, que a abandona à própria sorte. Presa pelo crime, Tereza conhece o advogado Lulu Santos, que a pedido do Dr. Emiliano, que a conhecera na casa do Capitão Justo, a defende. Saindo da prisão Tereza vai viver com o Dr. Emiliano uma relação fraterna e de muita paz, mas isso dura até o falecimento do doutor, cujo fato leva Tereza a se prostituir para sobreviver. Ciente de sua condição de mulher, usa das armas que possui: poder de sedução e sensualidade, a fim de marcar sua presença em um mundo tão opressor. No entanto, Amado ([1972] 1981), retomando um pouco a questão social, imprime à personagem o caráter solidário, quando coloca Tereza como líder da campanha contra

a varíola no interior de Sergipe. Em Aracaju Tereza conhece o pescador Januário Gereba, baiano, por quem se apaixonou e com quem viveu uma linda história de amor. Mas Gereba era casado e não podia seguir com Tereza, voltando para a Bahia sozinho. Com a partida de Januário Gereba, Tereza passa por muitos infortúnios, saindo de Sergipe e indo para Salvador a procura de seu amor. Em Salvador conhece outro homem com quem decide se casar, mas Januário Gereba a encontra e os dois seguem juntos para a realização do sonho de amor.

3 LÍNGUA, LITERATURA E LÉXICO

Quando se busca entender as relações que se processam entre língua e literatura, é no léxico que se encontram as respostas, pois este é o acervo vocabular no qual estão inseridos todos os seres, objetos e ideias. É no universo lexical de uma dada língua que estão a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das sociedades. Através da literatura conhecemos a língua e a cultura de um povo ou de um grupo de povos, refletidos no léxico, pois “[...] o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores.” (BARBOSA, 1993, p. 1).

Compreendendo assim as relações entre língua, literatura e léxico, buscamos mapear o universo lexical do escritor Jorge Amado na obra *Tereza Batista cansada de guerra*, na qual os personagens representam um produto formado pelos caracteres do meio biológico, social e cultural em que estão inseridos. Assim, o acervo vocabular da referida obra é um recorte da realidade, pois através das palavras Jorge Amado apresenta o pulsar da sociedade que está retratando. A movimentação das palavras, ou seja, as transformações lexicais fazem com que percebamos o *modus vivendi* das pessoas: a forma de pensar, agir, identificar, sonhar, enfim, de se relacionar consigo e com os outros seres. Assim corrobora Oliveira (1998, p. 108) quando afirma: “Toda esta dinamicidade da língua é evidenciada, sobremaneira, no léxico, nível lingüístico que melhor expressa

a mobilidade das estruturas sociais, a maneira como uma sociedade vê e representa o mundo.”

3.1 O VOCABULÁRIO POPULAR EM TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA

Como explicitado na introdução deste texto, tomamos a obra *Tereza Batista cansada de guerra*, 15ª edição, de 1981, como *corpus* de análise.

Para a realização deste trabalho, tomamos como aporte teórico os estudos de Eugenio Coseriu (1986) sobre os campos lexicais. Segundo Ferreira (2009, p. 38),

No âmbito dos estudos do léxico, dizemos que os itens lexicais com um traço de significação comum, relacionados a cores ou a atividades esportivas, por exemplo, pertencem a um mesmo campo conceitual e formam os chamados campos léxico-semânticos. A estrutura lexical de uma língua pode ser visualizada parcialmente a partir do estudo de cada um desses campos, que pode contribuir, inclusive, para a compreensão da relação entre a linguagem e a formação dos conceitos.

Assim, podemos classificar campo lexical como o conjunto que compreende unidades lexicais envolvidas em uma mesma zona de significação.

3.2 DA ORGANIZAÇÃO DO VOCABULÁRIO

São apresentados os macrocampos, subdivididos em seus respectivos microcampos, sendo estes formados pelas lexias pertencentes a uma mesma esfera de conhecimento.

Devemos ressaltar que o presente trabalho não tem como objetivo explorar toda a obra em seu universo vocabular, sendo isso um projeto futuro.

Para a organização do vocabulário foram adotados alguns critérios, a saber:

As lexias foram apresentadas em letras maiúsculas e em

negrito e dispostas na ordem em que aparecem na obra;

As lexias compostas foram classificadas como locução;

As entradas dos substantivos foram feitas no masculino ou feminino singular;

As entradas dos verbos estão no infinitivo;

As lexias foram apresentadas conforme constam nos dicionários e os exemplos de acordo com a obra sob análise;

Após a entrada e a classificação foi apresentada a significação da lexia ou locução dentro do contexto específico, seguida por exemplos extraídos da obra, com a lexia em destaque.

3.3 OS CAMPOS LEXICAIS

Quadro 1. Os campos lexicais contidos na obra *Tereza Batista cansada de guerra* e as respectivas lexias.

Sobre a Sexualidade	Frete / Baixio Quiba Siá-puta Corno aflito Rapariga Cadela Chifrudo / Corno Desmunhecar Provar o corpo Bago
Dos Locais de Prostituição	Cabaré / Castelo Rendez-Vous Alcova
Das Qualidades	Mulher-Macho Boca-Suja Porreta / Fichinha / Gabo Frouxo Filha-da-puta / Filho de-uma-puta Pernas de Varapau Galalau / Coroca Xereta Escroto

Dos Objetos	Taca de couro cru Bramota Roupa da estica Brilhantina
Das Manifestações	Bafafá Arranca-rabo Sarilho

3.3.1 Sobre a Sexualidade

FRETE – s.m. ‘Flerte com interesses sexuais’.

“Tereza sorri gentil porém distante; está de coração trancado, vazio, desinteressada de olhares de admiração ou de **frete**, [...]” (p. 17)

BAIXIO – s.m. ‘Área dos órgãos sexuais’.

“Propôs mas não esperou que ele corresse dentro; mandalhe um pontapé nos **baixios** visando os quibas [...]” (p. 19)

QUIBA – s.m. ‘Testículo’.

“Propôs mas não esperou que ele corresse dentro; mandalhe um pontapé nos baixios visando os **quibas** [...]” (p. 19)

SIÁ-PUTA – loc. subst. ‘Prostituta’. ‘A expressão siá é corruptela de sinhá, tratamento dado pelos escravos à sua senhora’.

“– É assim, **siá-puta**, que foi visitar sua mãe doente em Propriá?”

CORNO AFLITO – loc. adj. ‘Diz-se do homem traído (sexualmente) pela mulher, ou companheira, ou namorada etc. e que fica aflito em saber da situação’.

“[...] – o que mais dá em cabaré é **cornos aflitos** –, [...]” (p. 18)

RAPARIGA – s. f. ‘Meretriz’. □ ‘Prostituta’.

“[...] a tempo exato de assistir à mão espalmada do grandalhão pela segunda vez na cara da **rapariga** [...]” (p. 18)

CADELA – s.f. ‘Prostituta’.

“[...] a repisar palavras tão repetidamente ouvidas em tempos distantes: ‘aprenda a me respeitar, **cadela!**’; [...]” (p. 18)

CHIFRUDO – s.m. ‘Diz-se de quem foi (ou é frequentemente) traído pelo cônjuge’ □ Popular ‘Corno’.

“Os dois bandos recebem reforços: de um lado os restantes sequazes do incômodo **chifrudo**, [...]” (p. 19)

CORNO – s.m. ‘Diz-se do homem traído (sexualmente) pela mulher, ou companheira, ou namorada etc.’.

“Já no escuro, ouve-se o berro do **cornio** Libório, Tereza acerta-lhe o pé onde devido.” (p. 20)

“Ao ver o **cornio** rugindo, as duas mãos na altura dos bagos [...]” (p. 28)

DESMUNHECAR – v.t. ‘Comportar-se um homem com atitudes ou gestos de mulher’.

“[...] suspeitíssimo, esse galã pelo qual as meninas perdiam o sono, **desmunhecava** com facilidade.” (p. 22)

PROVAR O CORPO – loc. subst. ‘Manter relações sexuais’.
“Devia ao rábula antigo favor, se ele exigisse **provar de seu corpo**, ela não se negaria; [...]” (p. 23)

BAGO – s.m. ‘Testículo’.

“Ao ver o **cornio** rugindo, as duas mãos na altura dos **bagos** [...]” (p. 28)

3.3.2 Dos locais de prostituição

CABARÉ – s.m. ‘Casa de espetáculos onde se come, bebe e também as mulheres se prostituem’.

“[...] dado porém a mulheres e farras, a conflitos em **cabarés** e prostíbulos, [...]” (p. 18)

CASTELO – s.m. ‘Casa de prostituição’.

“[...] recebera proposta de Veneranda, dona do **castelo** mais elegante e caro de Aracaju.” (p. 24)

“Tereza poderia residir no próprio **castelo**, se preferisse.” (p. 24)

RENDEZ-VOUS – s.m. ‘Casa de prostituição’.

“Descreveu-lhe o **rendez-vous**: vasto sobrado colonial, discreto entre árvores, em meio de terreno cercado de altos muros, os enormes quartos subdivididos em modernas e íntimas alcovas, [...]” (p. 24)

ALCOVA – s.f. ‘Quarto das casas de prostituição que servem para os encontros sexuais’.

“Descreveu-lhe o **rendez-vous**: vasto sobrado colonial,

discreto entre árvores, em meio de terreno cercado de altos muros, os enormes quartos subdivididos em modernas e íntimas **alcovas**, [...]” (p. 24)

3.3.3 Das Qualidades

MULHER-MACHO – loc. adj. ‘Mulher com características e/ou atitudes masculinas’.

“[...] nem **mulher-macho**, nem Paraíba, nem boca-suja – ai, boca mais limpa e perfumosa! –, nem jararaca, nem desordeira, nem puxa-briga; se alguém assim lhe informou, ou quis lhe enganar ou não conheceu Tereza Batista.” (p. 14)

BOCA-SUJA – loc. adj. ‘Que diz palavras de baixo calão’ → ‘Que fala muitos palavrões’.

“[...] nem mulher-macho, nem Paraíba, nem **boca-suja** – ai, boca mais limpa e perfumosa! –, nem jararaca, nem desordeira, nem puxa-briga; [...]” (p. 14)

PORRETA – adj. ‘Bom’ → ‘Bacana’.

“A estréia da estrela candente do samba – o Pachola era uma (*sic*) **porreta** na propaganda, sem rival na invenção de frases e *slogans* publicitários [...]”. (p. 15)

FICHINHA – s.f. ‘De menor valor’ → ‘Que não compete com outro na mesma proporção’.

“– Junto do poeta sou **fichinha**, bebo minhas cervejas mas ele não tem medida.” (p. 17)

GABO – s.m. ‘Elogio de si próprio’ → ‘Vaidade’. (p. 18)

“Ali mesmo quis improvisar versos de lisonja e **gabo**, em plena dança, [...]”. (p. 18)

FROUXO – s.m. ‘Covarde’.

“– Homem que bate em mulher não é homem, é **frouxo**... [...]” (p. 19)

“– e em **frouxo** eu não bato, cuspo na cara.” (p. 19)

FILHA-DA-PUTA / FILHO DE-UMA-PUTA – loc. subs. ‘Indivíduo safado, traiçoeiro, mau, de péssimo caráter’.

“– **Filha-da-puta!**

– Se é homem venha bater em mim.” (p. 19)

“– Não há nessa terra sujeito pior do que esse **filho de-uma-puta**, um canalha, um patife.” (p. 30)

PERNAS DE VARAPAU – loc. adj. ‘Diz-se da pessoa cujas pernas são longas’.

“[...] não alcança a meta, o sujeito tinha **pernas de varapau**.” (p. 19)

GALALAU – s.m. ‘Diz-se de pessoa muito alta e magra’.

“Em seguida o caboclo impede que um dos sequazes do **galalau** esfregue a sola do sapato na cara do poeta José Saraiva, [...].” (p. 20)

COROCA – s.m. ‘Diz-se de pessoa velha que se acha enfraquecida e doente, ou confusa, pouco lúcida’ → ‘Caduco’

“[...] da fraternidade dos velhinhos de Alma Castro; todos eles **corocas**, ricos, pródigos, ilustres e impotentes. Não mandou bulhufas.” (p. 22)

XERETA – s.m. ‘Diz-se de pessoa indiscreta, intrometida’.

“[...] entrara no Paris Alegre a tempo de vê-la cuspir na cara do **xereta** e enfrentá-lo, mulherzinha valente de se tirar o chapéu.” (p. 27)

ESCROTO – s.m. ‘Indivíduo reles, desonesto e inescrupuloso’.

“Raça de **escrotos**, concluiu Lulu Santos.” (p. 28)

3.3.4 Dos Objetos

TACA DE COURO CRU – loc. subst. ‘Correia de couro’ → ‘Chicote’ → ‘Relho’.

“As armas dele eram a **taca de couro cru**, a pistola alemã, a chicana, a ruindade; [...]” (p. 14)

BRAMOTA – s. f. ‘Cerveja’.

“[...] todas as tardes no Café e Bar Egito despachando clientes, rindo dos fátuos e traçando **bramotas**, por entre a fumaça de permanente charuto.” (p. 15)

ROUPA DA ESTICA – loc. adj. ‘Roupa fina, elegante’.

“[...] caixeiro-viajante o cavalheiro, via-se pela **roupa da estica**, paletó almofadinha, gravata vistosa, sem esquecer o resplandecente cabelo no lustre da brilhantina, [...].” (p. 18)

BRILHANTINA – s.f. ‘Cosmético para fixar e dar brilho aos cabelos’.

“[...] caixeiro-viajante o cavalheiro, via-se pela roupa da estica, paletó almofadinha, gravata vistosa, sem esquecer o

resplandecente cabelo no lustre da **brilhantina**, [...]” (p. 18)

3.3.5 Das Manifestações

BAFAFÁ – s.m. ‘Manifestação confusa, agitação barulhenta, tumulto, geralmente envolvendo muitas pessoas’.

“Sozinho tinha posto fim ao **bafafá**, rindo e falando alto, [...]” (p. 26)

ARRANCA-RABO – loc. subst. ‘Discussão violenta, briga generalizada’ → ‘Rolo’.

– Só que eu não vi o começo do **arranca-rabo**.”

SARILHO - s.m. ‘Briga, confusão, rolo’.

“Com as luzes apagadas, o **sarilho** cresceu e se ampliou; [...]” (p. 26)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enveredar pela teias literárias de Jorge Amado através do emaranhado de palavras que compõe suas tramas narrativas é conhecer um pouco da cultura e da língua da comunidade e/ou sociedade à qual está vinculado, bem como das personagens que deu vida. Para Mandel (1988, p. 169): “O vocabulário de uma língua é o repertório de todos os seres, objetos e idéias de um grupo humano. As formas escriturais que traduzem esta língua se servem, por sua vez, do repertório visual e sedimentar do grupo, do qual faz parte naturalmente todo o gestual expressivo do escriba.”

Ao escrever a narrativa de Tereza Batista cansada de guerra Jorge Amado não se furtou em corroborar a afirmativa de Mandel (1988), pois traduziu nas linhas escriturais não só o seu universo vocabular, mas também de toda a comunidade que retratou e/ou pintou nas páginas do romance. Lexias como “arranca-rabo”, “xereta”, “escroto”, “coroca”, “frouxo”, “desmunhecar”, “quiba”, “chifrudo”, dentre tantas outras, fazem parte do universo lexical da língua portuguesa e não só do espírito criativo de Jorge Amado, que apenas trouxe à tona o que os membros da comunidade usam para se comunicar, se expressar, se afirmar enquanto seres sociais.

Não se esgotou aqui todo o universo lexical presente na obra *Tereza Batista cansada de guerra*, nem todos os campos lexicais abordados, apenas mostrou-se um recorte daquele inserido nestes. No entanto, em outros trabalhos serão apresentadas outras lexias, as quais revelam a multiculturalidade linguística da língua portuguesa.

LANGUAGE, LITERATURA AND SOCIETY RELATIONS: THE VOCABULARY BY JORGE AMADO IN TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA

ABSTRACT — *The corpus of this study is the lexical universe of a novel by Jorge Amado (a writer of Bahia), Tereza Batista cansada de guerra, in its fifteenth edition, of 1981, in which populate lexias like “escroto”, “chifrudo”, “porreta”, “bafafá”, “bramota”, among others, which show how the writer brought to the literary scene popular expressions that made his novels had a great acceptance of the reading public. Thus, our aim is to structure the popular vocabulary used by Jorge Amado from the lexical field theory, listing well lexias with the largest representation in the novel under review.*

KEY WORDS: *Language. Vocabulary. Jorge Amado.*

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Tereza Batista cansada de guerra**: romance. Ilustrações de Calasans Neto. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- ARAUJO, Jorge de Souza. **Floração de imaginários**: o romance baiano no século 20. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum, 2008.
- BARBOSA, Maria Aparecida. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. ENCONTRO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DE ASSIS, 1., 1993. **Anais...** Assis: UNESP, 1993.
- COSERIU, Eugenio. **Princípios de semântica estrutural**. 2.ed. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1986.

FERREIRA, Maira Coutinho. Campos léxico-semânticos e o ensino de vocabulário de segunda língua. **Revista Prolíngua**, v. 2, n. 2, p. 38-47, jul.-dez. 2009. Disponível em: <<http://www.revistaprolingua.com.br/wp-content/uploads/2010/01/campos-lexico-semanticos-e-o-ensino-de-vocabulario-de.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MANDEL, Ladislav. **Escritas, espelho dos homens e das sociedades**. Tradução de Constância Egrejas. São Paulo: Rosari, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1998. p. 107-113.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Terras do sem fim*, de Jorge Amado: um estudo léxico-semântico do vocabulário regional. In: _____. (Org.). **Língua, cultura e sociedade**: estudos sobre o léxico. Feira de Santana: UEFS, 2009. p. 165-207. 1 CD.

SOARES, Ângelo Barroso Costa. **Academia dos Rebeldes: modernismo à moda baiana**. 2005. 203 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2005.

